

09/09/2019

Violência social e fé religiosa (Parte II)

Fabrizio Fävasch Rodriguez

[Ativista Social e Sindical. Observatório
do trabalho latino-americano]

Desde minha última aparição por aqui deixei três perguntas no ar: (1) o que são os “traficantes de Jesus”; (2) como são as relações de convívio entre seitas evangélicas, tráfico e milícia; (3) se o pentecostalismo apoia o uso de armas.

Não é tarefa fácil pesquisar essas questões, porque estão envoltas num manto de obscuridade, seja pelo comportamento de parlamentares evangélicos [ver matéria sobre a bancada]¹, seja pela característica do tráfico, cujos grandes capos (chefes) são blindados tanto por sua posição econômica quanto pela elite usuária, ou seja pela consolidação das milícias, cujas ligações, como bem se sabe, são sustentadas por diversas vertentes do poder político em todas as esferas [municipal, estadual, federal].

Pela ordem, vamos tentar: (1) o que são os traficantes de Jesus? Na reportagem mais recente a que tive acesso, aqui da Colômbia, mudou a alcunha, agora é o “*Bonde de Jesus*”. Peixão [um peixe grande do Terceiro Comando Puro, procurado] teria virado Pastor Evangélico². Parece que o que está em jogo é muito simples. Primeiro eles atacam a diversidade cultural de fé religiosa menos prevalente no Brasil - os de origem afro-negra [0,3%, segundo o Censo do IBGE de 2010]³. É mais fácil exterminar os que são poucos. Os índios, no atual governo que o digam. Depois, não se sabe, mas judeus, é bom assinalar, embora sejam menos do que os religiosos afro [0,2%, IBGE 2010]⁴ estão mais “protegidos” no atual governo, seja porque detenham maior renda⁵, seja porque evangélicos defendem Israel, pois será lá que o Messias voltará. Não à toa o presidente Bolsonaro na recente Marcha para Jesus, em 20/06/2019, mostrou, em seu discurso, uma bandeira de Israel⁶.

A mudança da embaixada brasileira para Jerusalém tem a ver com essa “lógica”. Voltando aos traficantes de Jesus, estão faltando estudos mais aprofundados sobre essa relação, que, dizem, começa nos presídios.

Será apenas lá? As pesquisas em ciências sociais, embora engessadas pelos Comitês de Ética das universidades, poderiam ousar mais. Estamos longe de conhecer esses meandros... Talvez precisemos nos valer mais da imprensa, enquanto ela for “livre”.

Traficantes de Jesus parecem estar só começando.

(2) Já, a segunda pergunta sobre as relações entre as seitas evangélicas, o tráfico e as milícias, imaginem o quanto a pesquisa fica mais complicada.

Figura polêmica, envolvendo figurões da República e até o FBI, Caio Fabio⁶ coloca pimenta nesse angu de carozo da mistura entre igrejas evangélicas, tráfico e milícias.⁷

E também observa o quanto o sentimento gregário, de pertencimento à comunidade, ao grupo, é muitas vezes, uma sentença de morte.⁸ As divergências de organização e conduta entre as igrejas pentecostais⁹ mantêm a possibilidade de que algumas delas, com a benção do Pastor (Apóstolo, Bispo), autorizem seus fiéis a irem para qualquer lugar, desde que “Jesus permita”.

Em outras palavras, se Jesus permitir se associar ao tráfico, à milícia, a Bolsonaro, ao neoliberalismo, às bancadas da bala e agronegócio, à privatização da Petrobrás, dos Correios, do SUS, da educação pública, qualquer coisa, “vale a palavra de Deus”, se ela vier pela boca do Bispo daquela seita.¹⁰ A expansão das milícias em todo o Brasil, sempre em territórios vulneráveis dominados pelo tráfico e seitas evangélicas, segue o padrão do Rio de Janeiro, espécie de paradigma da milícia: “...*milicianos diretamente eleitos, de bancadas de partidos de ultradireita, partidos conservadores e partidos vinculados a uma lógica fundamentalista religiosa...*”¹¹

Faltam dados estatísticos sobre milícias no Brasil.

As razões são compreensíveis. Relações entre seitas, tráfico e milícias parecem estar só começando.

(3) Quanto ao apoio do pentecostalismo à liberação das armas, o que parece ser incongruente com a ideologia da fé, os dados são mais objetivos.

Há divergências entre lideranças e parlamentares.¹² Resta saber como os fiéis são influenciados para se posicionarem, tendo em vista que Bolsonaro tinha a liberação das armas como uma das principais bandeiras de campanha e obteve votação maciça nesse segmento da fé. E quando o Presidente da República reitera, como fazia antes, que onde tem milícia não tem violência¹³, essas relações parecem estar só começando...

■ ■ ■

Fontes:

1-<http://www.esquerdadiario.com.br/Bancada-evangelica-tem-dezenas-de-deputados-acusados-de-corrupcao-e-11-sao-reus>

2-<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agenzia-estado/2019/08/18/a-nova-face-da-intolerancia-religiosa.htm>

3-https://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%B5es_afro-brasileiras

4-https://pt.wikipedia.org/wiki/Juda%C3%ADsmo_no_Brasil

5-<https://www.youtube.com/watch?v=pDktdkNC-ww>

6-https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_F%C3%A1bio

7-<https://www.youtube.com/watch?v=9SJo-bsjJWA>

8-<https://www.youtube.com/watch?v=k4nIXArV7i0>

9-<https://www.youtube.com/watch?v=DOODXHTBndM>

10-<https://www.youtube.com/watch?v=021E0cYcrAc>

11-<https://www.cartamaior.com.br/?Editoria/Direitos-Humanos/As-milicias-crecem-velozmente-por-dentro-do-Estado/5/43599>

12-<https://noticias.gospelmais.com.br/lideres-evangelicos-dividem-posse-porte-armas-106438.html>

13-<https://www.facebook.com/watch/?v=603182283407137>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.